GIU NASCIMENTO
ANNA ANDRADE
CLAUS BUGMANN
EMIL SOU_TOS
LUCAS DE LUCCA

LOBISOMENS DE JOANÓPOLIS

LOBISOMENS DE JOANÓPOLIS

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida de qualquer forma, seja por meio eletrônico ou mecânico, ou arquivada em qualquer tipo de arquivo sem autorização expressa por escrito dos autores.

Copidesque: Tici Pontes

Revisão: Miah S. Kan-Po

Design da capa: Anna Andrade e Claus Bugmann

Diagramação: Anna Andrade

SUMÁRIO

Prefácio 5

O Ciclo de Dan Harmon 6

Sobre a autora: 8

Em Busca da Poção Lupina de Giu Nascimento 9

Jornada da Heroína 15

Sobre Anna Andrade: 16

As garras da loba de Anna Andrade 18

A Promessa da Virgem 23

Sobre Claus Bugmann: 26

Marcélio Queixo Duro de Claus Bugmann 27

Jornada do Herói 33

Sobre Emil Sou_toS: 35

Conto do Emil 36

O Paradigma dos Três Atos 41

Sobre Lucas de Lucca: 43

O sétimo filho de sete filhas do Lucas de Lucca 44

Posfácio 47

PREFÁCIO

POR ANNA ANDRADE

Era uma vez cinco escritores que decidiram se isolar na capital dos lobisomens para um retiro literário. Parece o começo de um conto de terror, certo? Se você pensou nisso, acertou, porque o que havia de louça para lavar… BRINCADEIRA!

Giu Nascimento chamou Claus Bugmann, Emil Sou_Tos, Lucas de Lucca e eu — Anna Andrade — para viajarmos a Joanópolis, onde a madrasta dela tem uma bela casa no meio de muito verde. Já adianto que foi uma experiência repleta de criatividade, estudo e algumas doses de café e — sejamos sinceros — outras bebidas igualmente inspiradoras.

O plano era simples, e tínhamos três dias para concluí-lo. Seria sorteado para cada autor uma estrutura narrativa diferente que deveria ser utilizada no conto. Além desse detalhe, também foi pedido que utilizasse a imagem do lobisomem na história, afinal, o local alimenta essa lenda com muita vontade.

Lucas foi premiado com a estrutura mais clássica de todas: os três atos. Coincidência ou um plano secreto do universo para torná-lo o mais confortável entre nós? Nunca saberemos. Giu mergulhou na história de uma garota determinada a se tornar lobisomem através da estrutura do Ciclo de Dan Harmon. Claus Bugmann, Emil Sou_Tos e eu seguimos nossos próprios caminhos narrativos, a promessa da virgem, a jornada do herói e da heroína, respectivamente.

O resultado está nas próximas páginas, nesta coletânea que reflete a empolgação de um retiro em que a escrita foi protagonista, acompanhada de animais exóticos, queda de luz, fofocas recentes e, quem sabe, um uivo misterioso atrás da colina.

Como também tem o intuito educativo, há uma explicação sobre cada estrutura narrativa antes de cada conto, feita pela Giu (que é professora e sabe-tudo hehe).

Tenha uma boa leitura, e cuidado com a lua cheia!

CICLO DE DAN HARMON

Comumente utilizado em estruturas narrativas que optam por histórias serializadas, o Ciclo de Dan Harmon é, como o próprio nome já diz, um círculo em que o protagonista tende a não aprender sua lição e, no final, voltar para o ponto de partida.

A estrutura é composta pela frase: *Você precisa ir procurar e achar. Pegue e retorne mudado.* A ironia é que essa mudança, muitas vezes, não é real; afinal, em histórias serializadas, como nas séries de *sitcom*, quando o protagonista finalmente muda de verdade, a história se encerra.

Agora, quebrando a frase em palavras, temos um modo simples de construir narrativas.

1. **Você:** estabeleça o protagonista.
2. **Precisa:** o protagonista quer algo.
3. **Ir:** atravessando o limiar (saindo do mundo comum).
4. **Procurar:** caminho de desafios.
5. **Achar:** o segredo da vitória (ou falsa vitória).
6. **Pegue:** o que o protagonista quer, vem com um preço.
7. **Retorne:** volta para o mundo familiar.
8. **Mudado:** o protagonista se mostra capaz de mudar (e nesse ponto está mudado, porém, no momento seguinte, vemos ele de volta no seu estado de origem).

Na história de Giu Nascimento, temos Helena, uma narradora protagonista que deixa a cidade grande e se muda para o interior, onde descobre que criaturas mágicas existem, mas, mais do que isso, elas são populares. Então, a garota sai em busca de se transformar em lobisomem para se tornar mais interessante na nova escola.

Seguindo a estrutura de Dan Harmon, a história divertida dessa não lobisomem adolescente reflete os medos e ambições dessa fase da vida —o desejo de se destacar e reafirmar a individualidade. Ao mesmo tempo, Helena parece não aprender a lição que está bem na sua cara.

SOBRE GIU NASCIMENTO

Giu Nascimento, nascida em 1998, é autora de narrativas adolescentes e professora de roteiro e escrita criativa para jovens. Formou-se em Cinema pela FAAP, realizando uma pesquisa sobre o realismo mágico durante a graduação, e especializou-se em Roteiro de Série pela UCLA *Extension*. Além de escritora e roteirista, é produtora de cinema e teatro, sendo sócia-fundadora da Bitola Cultural. Publicou seu primeiro livro, *Polaris (ou ela não é daqui)*, um romance sáfico, pela editora Flyve no início de 2024 e, no mesmo ano, teve participação no livro *Departamento Nacional de Ocorrências Sobrenaturais*, livro independente organizado por Claus Bugmann. Em junho de 2025, publica, pela editora Flyve, o livro que organizou e coescreveu, *Dramáticos*, um projeto híbrido entre literatura e música.

EM BUSCA DA POÇÃO LUPINA

POR GIU NASCIMENTO

Em São Paulo, sempre tive tudo para ser feliz: uma família que me amava, uma casa com piscina, amigos na escola e produtos de beleza caros — que mantinham minha pele de fundo amarelo bem hidratada e meus cabelos lisos pretos sempre maravilhosos. Resumindo, eu era privilegiada e não sabia.

Pouco depois da minha festa de debutante, veio a notícia, meu avô — com quem meu pai não falava há anos e eu nem conhecia — morreu, deixando uma fazenda leiteira para nós.

Diante da situação, meus pais optaram pela escolha óbvia e racional (leia com ironia), e me obrigaram a mudar para Joanópolis, uma cidade com menos de 15 mil habitantes no interior de São Paulo, quase na fronteira com Minas Gerais.

Eu sei, eu sei… Menina da cidade grande é obrigada a ir morar no interior e odeia; é clichê e não nego, mas infelizmente é a verdade.

O que eu não esperava era chegar na nova escola e descobrir que seres sobrenaturais existiam.

— Em cidade grande, Helena, as pessoas estão muito envolvidas na própria vida, há muita coisa acontecendo e os moradores tendem a não acreditar tanto em superstições e mitologia, mas em cidade pequena é muito difícil manter segredos — explicou Brenda, a menina de pele negra clara e cabelos cacheados, que se ofereceu para ser minha guia no primeiro dia de aula. — A Lica, a menina mais popular da escola, inclusive, é uma lobisomem.

Brenda me deixou na porta da minha sala e foi para a dela, depois de ter certeza que eu tinha tudo o que precisava. A aula foi como outra qualquer, tediosa e repetitiva; já no intervalo, vi, em primeira mão, uma pequena demonstração do mundo sobrenatural de Joanópolis.

Lica, com seus cabelos cacheados, era atraente antes mesmo de usar os poderes na frente de todos. Mas ao se transformar parcialmente em lobo, tornou-se ainda mais alta e, com os sentidos apurados, ganhou uma partida de basquete como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

Os outros alunos a observavam, admirados. Já eu, estava sentada a uma mesa, sozinha — nem mesmo Brenda ficou comigo no intervalo. Para falar a verdade, eu não a vi em nenhum lugar do pátio.

Ao longo da semana, os dias não foram muito diferentes. Fiquei sozinha. Eu era uma total desconhecida, uma figura que poderia ser esquecida.

Precisava mudar isso.

Tomei uma decisão. Teria que virar lobisomem.

Segundo uma breve pesquisa na Internet, uma pessoa poderia nascer lobisomem se fosse o sétimo filho após seis filhas mulheres ou se herdasse o gene licantropo de um dos pais. Não era meu caso — eu era filha única, nascida de um casal comum de humanos.

Precisaria ser transformada em lobisomem. Para isso, eu tinha três opções: ser mordida ou ser arranhada por um licantropo, ou tomar uma poção feita especialmente para essa transformação.

Depois de uma tentativa humilhante de implorar para Lica me transformar e ela negar, descobri que, desde um acordo feito em 1979, licantropos foram proibidos de transformar humanos, sob pena de encarceramento na prisão de prata. A poção era minha única alternativa… e também a mais complicada.

Pelo menos Lica me indicou onde eu poderia conseguir informações sobre os ingredientes para a magia.

À noite, pedi carona a meu pai da fazenda até o Abracabar — uma loja/restaurante/bar, ponto de encontro das criaturas sobrenaturais da região.

— É aqui mesmo, filha? — perguntou ele.

— Sim, vou encontrar umas amigas para jantar — menti.

— Está bem. Me ligue na hora que quiser voltar para casa. E tome cuidado.

— Pode deixar.

Saí do carro, antes que meu pai me fizesse mais perguntas e eu acabasse me entregando ao enrolar alguma informação.

Passando pela porta do Abracabar, percebi estar entrando em um mundo desconhecido. O ambiente era escuro, as lâmpadas de luz negra mal me permitiam enxergar um palmo à frente. Na mesa do bar, um lobisomem pedia um drinque, em outro canto, uma mulher loira com pele escamosa comia um sanduíche colorido.

Pedi licença, seguindo para os fundos, onde ficava a loja do estabelecimento. Peguei um livro de receitas e comecei a procurar pela poção de licantropia.

— Como posso ajudar? — perguntou uma atendente com uma voz familiar. Olhei para longe das páginas e me deparei com uma surpresa: Brenda, bem diante de mim. — Helena?! — exclamou ela, ao perceber quem eu era. — O que está fazendo aqui?

— Lica me indicou a loja para comprar algumas coisas. O que *você* está fazendo aqui? Não é proibido empregar menor de idade?

— Minha mãe é a dona desde 1901. E eu não sou menor de idade.

— Mas… Você ainda está no primeiro ano do ensino médio…

— Como vampiros demoram mais para crescer, desenvolver o cérebro e envelhecer do que adolescentes humanos e de outras espécies sobrenaturais, acabei entrando mais tarde. Mas tenho 21 anos. Tecnicamente, posso trabalhar, mesmo que meu cérebro ainda seja o de uma adolescente de 15 anos.

— Pera… — Liguei os pontos. — Sua mãe tem a loja há mais de 120 anos… E acabou de me dizer que…

— Sim, sou uma vampira, Helena — afirmou ela, como se fosse uma informação corriqueira.

— Por que não me disse nada na escola? É por isso que nunca te vi no pátio? Vampiros não podem mesmo ficar no sol? — disparei.

— Achei que você soubesse. Como eu disse, todo mundo sabe sobre tudo da vida um do outro nesta cidade. Sim, não vou ao pátio por isso, mas porque os vampiros são alérgicos ao sol, não vou morrer e virar pó em um segundo.

— Isso significa que você… Bebe sangue humano?!

— É só um estereótipo, Helena. Nós bebemos qualquer tipo de sangue. Em geral, compramos o sangue em açougues. Não somos piores do que o homem comum que come carne de vaca no dia a dia. — Brenda me encarou, e fiquei em silêncio por um segundo, raciocinando as informações. Ela cansou de esperar a resposta e continuou: — Deixe eu ver o que você está procurando.

A vampira se aproximou do livro de receita, bateu os olhos na página e se voltou para mim com uma expressão de reprovação.

— Deixe eu me explicar. Em São Paulo, eu era a mais popular da escola. Agora, nenhuma alma viva tentou falar comigo durante o intervalo. Lica é popular, amam os poderes dela. Então, se eu me transformar em lobisomem, meus problemas serão resolvidos.

— Você pode passar o intervalo comigo na sala de aula se esse é o problema. Acredito que se transformar em licantropo não é a melhor solução. Você não deveria ter que mudar quem é para agradar os outros.

— Brenda, me escute. Se eu for uma lobisomem, os outros alunos vão pedir para passar o intervalo comigo. E aí posso levar *todos* para a sala, e passamos o intervalo junto com você também.

— Certo… Vou te ajudar, mas não porque acho a ideia boa, porque não acho. A transformação pode literalmente *te matar*. Não é à toa que quase nunca temos pedidos dos ingredientes dessa poção.

— Obrigada! Obrigada! — Pulei, abraçando minha nova amiga.

— Vamos precisar de uma mecha de cabelo de Cuca, para te dar os poderes folclóricos; um dente de leite de lobisomem, para misturar os genes licantropos aos seus; e 500 ml de fluidos dos maiores inimigos dos lobos.

— Você tem algum desses ingredientes aqui?

— Sim, o dente de leite de lobisomem.

— Bom, acho que vi uma Cuca na entrada. Bem ali… — Virei-me para apontar, no entanto, a mulher de pele de escamas e cabelo loiro havia sumido.

— Tudo bem, sei onde encontrar as bruxas.

Paguei pelo dente de leite e aguardei enquanto Brenda pedia autorização à mãe para deixar o estabelecimento mais cedo. Então, a segui até a região afastada do centro, perto da estrada de terra que levava à fazenda da minha família.

Nos enfiamos no meio do mato, com Brenda guiando o caminho, até encontrarmos uma casa em meio a uma clareira.

— Agora temos um pequeno problema. As Cucas não gostam muito de humanos e nem de mim.

— Mas você não é humana…

— É por outro motivo, que não preciso entrar em detalhes agora. — Apesar de estar morrendo de curiosidade para saber a fofoca completa, deixei que Brenda explicasse o resto do plano. — Vou bater na porta, enquanto você entra pela janela, se agacha atrás de uma delas e corta uma mecha do cabelo.

— Um minuto, é mais de uma Cuca?

— Sim, estou falando no plural desde o começo. Aqui na cidade são duas, elas se casaram e se mudaram para Joanópolis antes de eu nascer. Quase nunca saem de casa. A história delas não importa. Se esconda perto da janela.

Ela me entregou uma tesoura e me empurrou, o que quase fez eu cair de cara no chão. Mal havia saído da entrada da casa quando Brenda tocou a campainha.

— Oi, senhora…

— O que está fazendo aqui, pestinha?

— Segui você depois de sair do Abracabar. Minha mãe que pediu, porque esqueceu um negócio seu lá hoje…

Antes de acabar de ouvir a história que a vampira inventava, pulei pela janela. A casa das Cucas era aconchegante, pequena, com madeira pelas paredes. Uma luz amarela vinda de um abajur iluminava o ambiente. Pelas prateleiras, diversas ervas e coisas estranhas, que pareciam ser dentes, garras e escamas — prováveis ingredientes para feitiços.

Silenciosa, me esgueirei pelo ambiente até estar a centímetros de distância da segunda Cuca. A outra ainda estava distraída por Brenda. Tirei a tesoura do bolso, ergui para perto do cabelo loiro e passei a lâmina.

— Isso! — exclamei, esquecendo que deveria ficar quieta.

A mulher de pele de escama virou-se para trás, e me encarou com os olhos de jacaré.

— Quem é você? Jaque! Veja aqui o que encontrei.

Senti o coração acelerar. Ela pegou meu braço e me arrastou até a porta. As Cucas passaram a exclamar frases em uma língua que não entendi, porém, Brenda parecia entender, porque me arrastou correndo até o meio da estrada de terra.

Quando o susto passou, começamos a rir sem parar.

— Então, só falta descobrirmos o que seria o fluido do inimigo dos lobisomens — afirmei, quando recuperei o fôlego.

— Sobre isso… Acredito que seja 500 ml do meu sangue…

— Vampiros são os inimigos de lobisomens?

— Segundo o folclore e minha experiência… Sim. Eu não suporto a Lica.

— Para ser sincera, não achei ela uma boa pessoa…

— Quero te ajudar, mas não posso garantir que depois da transformação vamos continuar amigas. É algo na magia que corre nas veias de vampiros e lobisomens… Não podemos evitar. — Ela fez uma pausa, antes de perguntar: — O que quer fazer agora?

Convidei Brenda para vir em casa. Liguei para o meu pai, que veio nos buscar em poucos minutos. Por sorte ele estava com sono demais para fazer perguntas.

Chegamos em casa e passamos horas conversando sobre o cenário sobrenatural de Joanópolis.

Por fim, perguntei:

— Mas, Brenda, qual outro ser sobrenatural posso me transformar? Tem que haver algum mais popular que os lobisomens da cidade. Ser humano é totalmente sem graça.

JORNADA DA HEROÍNA

Surgida nos anos 1990, durante a terceira onda do feminismo, a jornada da heroína é sobre trazer um equilíbrio para as características que, na sociedade, são vistas como "femininas" e "masculinas" dentro de nós mesmos — também pode ser interpretada como um equilíbrio entre *yin* e *yang*.

Durante o primeiro ato de uma história que segue esta estrutura narrativa, vamos ter os seguintes pontos: a personagem (que pode ou não ser uma mulher) vive em um mundo em que é oprimida ou podada; então ela faz algo que simboliza uma ruptura com o feminino (ou com aquilo que a sociedade espera dela), se identificando com o masculino (com o que não é próprio para ela, seja por seu gênero, classe social etc.). Ainda neste ato, a personagem passa por uma jornada de desafios que culmina em achar um falso segredo para a vitória — aqui, ela pensa que todos os seus problemas serão resolvidos, no entanto, eles só pioram.

Seguimos para o segundo ato, em que a heroína começa sentindo uma morte espiritual. É seu despertar para a realidade. Depois, começa o passo chamado "iniciação e descida para a deusa", em que ela entra no momento mais obscuro da história, como se sentisse uma depressão — é a hora de enfrentar as consequências da falsa vitória. Por fim, a personagem percebe que há uma necessidade urgente de se reconectar com o feminino (com aquilo que ela negou no começo da história), a falta de equilíbrio em si está trazendo as consequências negativas e só essa reconexão pode resolver o problema.

Assim, entramos no último ato. Ele se inicia com a protagonista "curando a relação mãe-filha", o que pode ser algo literal, e a mãe representar o feminino na história, como também pode ser a personagem meramente se reconectando com o seu lado *yin*. Mas o

feminino não fica em sobreposição ao masculino. Como dito anteriormente, a jornada da heroína é sobre equilíbrio, por isso o próximo passo é denominado “curando o eu masculino ferido”, que é seguido pela “integração do feminino e do masculino”. Com isso, temos uma personagem que começa a história em desarmonia interna e acaba equilibrada.

Na história de Anna Andrade, a jornada da heroína é feita não pelo narrador protagonista, e sim pelo coadjuvante, que tem sua separação do feminino no momento em que se transforma em lobisomem e acaba tendo que passar por uma jornada de desafios para convencer seu futuro noivo de quem realmente é.

SOBRE ANNA ANDRADE

É uma cearense apaixonada por romances com aventuras. Adora debater sobre filmes, séries e livros em seu site, Bela Distopia. Escrever sua opinião não foi o suficiente para saciar seu amor pelas palavras, então, embarcou na carreira literária durante a faculdade de Direito, quando começou a postar suas histórias na plataforma Wattpad. Nessa jornada, teve leitores de 14 países, publicou quatro livros e vários contos, e tem sete obras best-seller Amazon BR.

AS GARRAS DA LOBA

POR ANNA ANDRADE

A ideia era simples: pedir Roberta em casamento. Claro que eu não consegui controlar a ansiedade depois de ter comprado o anel. Coloquei o pequeno pacote no banco do carro e dirigi até o condomínio Terras das Joaninhas, um aglomerado de clientes da minha namorada.

Estava feliz por ela ter conquistado seu espaço no ramo de paisagismo. Joanópolis era uma cidade pequena, e cada contrato a mais contava. Roberta fazia questão de espalhar os cartões de visita até na prefeitura.

Diferentemente dela, eu tinha meus ouvintes mensais no Spotify, o público de shows e as visualizações no YouTube. Ser músico *indie* de *trap* e *hip hop* no Brasil não era fácil. O agente não fazia muita diferença na prática, eu ainda tinha que trabalhar de segunda a segunda.

Mas não havia nenhuma preocupação no trajeto. Sem pensamentos conflitantes ou incertezas sobre o que faria, eu estava dirigindo rumo ao amor da minha vida.

Comprei um buquê de flores e guardei-o com cuidado ao lado da caixinha do anel. Arrependi-me no minuto seguinte de não a ter esperado na porta do apartamento. A estrada de terra estava pior do que imaginava. Pelo horário, as curvas mal-iluminadas dificultavam o trajeto, mesmo com os faróis acesos e a baixa velocidade. Não seria uma surpresa se algum carro surgisse no meio do mato e causasse um transtorno para quem tentava chegar em casa depois de um dia longo de trabalho.

— Quem é? — perguntou o porteiro, que manteve a cancela abaixada. Não era a primeira vez que eu entrava no condomínio, mas a fiscalização estava redobrada.

— Bruno, trabalho para a Roberta — menti, ajeitando os óculos para analisar o jovem de 17 anos que me olhava por entre as grades da portaria. — Carlinhos, deixa dessa, você me conhece, maluco.

Ele acendeu uma luz mais direta da janela, que clareou meu rosto. Dei meu melhor sorriso, tentando parecer convincente.

— Verdade — concordou ele, por fim.

Não demorou muito para abrir passagem. Carlinhos mostrou que me conhecia bem a ponto de saber que eu não faria nenhuma bobagem no condomínio, mas não o suficiente para se recordar que eu era músico.

Segui para dentro do condomínio, acenando rápido pela janela aberta do carro. Carlinhos murmurou algo em resposta, que não consegui entender.

Havia postes iluminando a rua principal e outros mais esporádicos nas adjacências. Fiquei atento ao procurar a casa indicada pela mensagem. Roberta compartilhava tudo o que fazia na vida profissional e, ao pensar nisso, me sentia cada vez mais conectado a ela.

Estacionei rente à calçada, desejando não ter feito barulho com os cascalhos da rua. A confirmação veio quando observei o interior da casa pelas janelas de vidro. Ainda era nova, então as cortinas não estavam instaladas.

Seria mais adequado usar a porta, mas uma súbita vontade de surpreender Roberta me fez ir além. Peguei a caixa e as flores com cuidado pela janela aberta do carro e caminhei até a lateral da casa. O muro que separava as duas áreas era baixo — e com razão, não havia motivo para temer assaltos, considerando o absurdo que os condôminos pagavam pela segurança.

Bom, talvez precisassem, porque eu, de fato, estava invadindo a propriedade alheia.

Foi mais fácil do que imaginei. O que mais me custou foi tentar não danificar tanto as flores. Algumas pétalas caíram com o movimento, mas eu estava mais determinado a encontrar Roberta do que tirar vestígios da minha presença ali.

As luzes do jardim estavam apagadas, o que se via era apenas a iluminação da casa. Mesmo assim, consegui enxergar o suficiente para me petrificar. A imagem me fez tremer: o

lobisomem robusto e gigante tinha uma respiração pesada. Minhas mãos foram incapazes de manter o que eu carregava, e tudo caiu.

Um grito ficou preso na minha garganta quando o ser mágico colocou o dedo indicador no meio do focinho comprido.

Ele está mesmo me mandando calar a boca?, pensei.

— Bruno, sou eu.

A voz me era familiar, reconheci sendo Roberta no mesmo segundo. Mas como seria possível? A criatura com pelagem castanha de quase 3 metros deu um passo na minha direção, e eu me encolhi. Meu coração acelerou ainda mais. Não estava preparado para o que vinha em seguida.

As luzes da casa se apagaram de uma vez.

Ótimo momento para a energia cair.

Eu não queria morrer na noite em que pediria minha namorada em casamento, mas não era uma situação que poderia escolher. O pânico me fez chorar, implorando para não ser devorado. Minha visão se adaptou ao escuro, o suficiente para saber que o lobisomem permaneceu no mesmo lugar.

Tentei engatinhar em direção à casa, ainda com o olhar fixo na criatura.

— Bruno, eu sou…

— Sai daqui!

Levantei-me com toda a coragem que consegui juntar. Corri para longe, sem saber aonde deveria ir. Deparei-me com algumas plantas, que desviei, quebrando galhos. Tropecei no leve declínio, mas consegui me segurar em um caule. A textura irregular fez com que fiapos de madeira adentrassem a pele fina da minha mão.

A adrenalina me permitiu ir além. Cheguei a um muro mais alto do que o que precisei pular. Os passos atrás de mim me fizeram agir por impulso: eu precisava fugir. Usei dois jarros de planta para inclinar o corpo para frente. A força foi maior e me lançou para o outro lado do muro.

Perdi meus óculos.

Mas não parei. Apenas corri, ciente de que estava em outra casa. Como a energia não tinha voltado, nenhum alarme disparou. O terreno — para meu azar — estava em reforma, e não vi o buraco surgir no caminho.

Tombei com tudo nele, que parecia mais como uma armadilha ridícula para criaturas pequenas. Claro que os ricos não teriam uma arapuca em casa — com certeza a escavação viraria uma piscina no futuro.

A dor me dominou, e eu não tive forças para escapar do lugar. Minhas mãos arranhavam a terra, mas não conseguiam se firmar. Não conseguia enxergar bem sem os óculos. Senti que meu coração sairia pela boca.

Os passos ressoaram pela noite, e eu tinha certeza de que morreria. Garras afiadas me seguraram pelos braços e me puxaram para fora do buraco. A criatura me pôs na grama sem qualquer dificuldade; eu tinha virado um camundongo se fingindo de morto.

Meus olhos estavam semiabertos, e eu via o lobisomem ainda perto. Assim que ele deu um passo para trás, aproveitei para correr outra vez. Infelizmente, tropecei na mangueira; o plástico se enroscou na minha perna e eu me debati para tentar me salvar.

Gritei.

— Para com isso! Você vai se machucar ainda mais, Bruno.

O lobisomem ficou de joelhos, mas não se aproximou. Colocou as mãos para cima, em sinal de redenção.

— Não me importo — gritei ainda mais alto.

— Pode me deixar explicar, por favor? — A voz era doce, como quando Roberta me pedia um copo d'água no meio da noite.

— J-já li e assisti várias versões de Chapeuzinho Vermelho, quer enganar quem? — Tentei conter a gagueira, embora meu nervosismo tenha ficado evidente.

A criatura soltou um suspiro.

— Tudo bem, não queria chegar a isso… você chama seu membro de general quando estamos… — Ela desenroscou a mangueira de mim.

— Roberta?! — Não aguentei, meu corpo ganhou força para se levantar, e eu o fiz.

— Fique calmo, sou eu. — Conforme a voz se aproximava de mim novamente, a silhueta do monstro se tornou mais humana. Fiquei estático diante da transformação. Aquela era a mulher da minha vida. — Deveria ter te contado antes, mas não é fácil compartilhar um segredo como esse. Eu ainda sou a mesma Roberta, nada mudou.

— Só o fato de que você é… — Não consegui terminar.

— Uma lobisomem, tem razão.

— Mas…

— É coisa de família.

— Achei que ter sinais no corpo era coisa de família — retruquei. — Isso é outro nível.

— Tem razão, me desculpa. Deveria ter sido sincera contigo assim que nosso relacionamento ficou sério. — Ela tocou no meu rosto.

— Tenho tantas perguntas, ia te pedir em casamento, sabia? — eu ri.

— E mudou de ideia? — Os dedos dela massagearam meus ombros.

— Não — confessei. — Sempre fui *Team* Jacob, não é agora que vou reclamar.

Nós dois rimos com vontade, e finalmente senti meu coração ficar mais leve. Roberta me deu forças, pude confiar nela como antes. Estava ciente de que havia feras mais monstruosas longe de nós, mas ela era diferente.

Roberta me protegeria.

Beijei-a com carinho, e as luzes, enfim, se acenderam.

A PROMESSA DA VIRGEM

O arquétipo do personagem virgem simboliza alguém inexperiente, que ainda tem muito para viver, por isso esta é a estrutura comumente utilizada para histórias de amadurecimento.

Assim, a promessa da virgem é composta pelos seguintes passos:

1. **Mundo Dependente:** protagonista preso a seu mundo comum — seja por normas sociais, por conta de proteção ou algo além. É dependente de outros para sobreviver.
2. **Preço da Conformidade:** protagonista reprime seus dons interiores para manter o *status quo*. Não percebe que é prisioneiro em seu mundo dependente ou sabe que precisa esconder quem realmente é por algum motivo. Pode ser que acredite nas opiniões negativas que os outros têm dele, o que o faz se sentir inútil, sem valor. É incapaz de se libertar ou abrir as asas.
3. **Oportunidade de Brilhar:** uma chance de se expressar chega para o protagonista sem apresentar riscos ao Mundo Dependente. Ele pode descobrir um talento, ser empurrado a fazer algo ou pode agir sob o interesse de alguém que precisa de ajuda. Reconhece uma parte dormente de sua alma ou usa seu talento de uma nova maneira.
4. **Vestindo o Papel:** protagonista percebe que seu sonho é alcançável. Às vezes, o protagonista recebe um objeto ou talismã que simboliza seu “eu secreto”. Protagonista se torna “lindo” fisicamente, metaforicamente ou ambos.
5. **O Mundo Secreto:** agora o protagonista tem um pé no mundo dos seus sonhos,

mas ainda não quer ou não consegue deixar seu mundo para trás. Pessoas podem depender do protagonista. Ele pode estar em perigo físico ou temer as consequências de deixar o mundo dependente.

6. **Não Pertence Mais a Seu Mundo:** protagonista percebe que sua vida dupla não pode mais continuar. O risco de ser pego aumenta. Pode ainda se sentir como um intruso em seu mundo secreto. Seu comportamento muda de "arriscado" para um de rejeição. Acha que pode voltar para seu antigo jeito de ser.

7. **Pego Brilhando:** protagonista é exposto em um mundo ou no outro devido a uma traição ou a uma mudança de circunstâncias. Seu segredo é revelado. Nesse momento, pode revelar uma nova "força" ao ajudar alguém.

8. **Desiste do que o Mantinha Preso:** protagonista encara medos e rompe as amarras que os outros tinham nele. Às vezes, o mundo dependente some e o protagonista se vê sozinho pela primeira vez. Protagonista se vê mestre do seu próprio destino.

9. **Reino em Caos:** ao se tornar assertivo, a disrupção ocorre: mudanças no *status quo.* O mundo dependente pode tentar vir atrás do protagonista com toda a força para tentar se restabelecer.

10. **Vagando na Selva:** o protagonista encara seu momento de maior dúvida. Embora tenha uma nova confiança, as coisas não vão de acordo com seus planos. Sua confiança em si é testada ao máximo. As coisas podem parecer boas "em casa", tentando o protagonista a voltar e a deixar para trás suas "ideias doidas" de independência.

11. **Escolhe a Sua Luz:** protagonista escolhe brilhar, expressa seus dons em um mundo imperfeito, aceitando suas falhas e suas forças; ganha novos conhecimentos sobre o mundo deixado para trás. A estrutura de poder muda e o protagonista possui pelo menos parte do poder. Ele consegue cuidar de si mesmo e se torna uma pessoa realizada.

12. **Resgate ou (Re)organização:** o mundo se reajusta em torno do protagonista. No estágio oito, o protagonista quebrou seus laços com o mundo dependente, agora ele retorna a sua comunidade; sua transformação torna o mundo um lugar melhor. Protagonista se reúne com as pessoas que ama, que o reconhecem como seu verdadeiro eu. O protagonista não é mais controlado pelos outros.

13. **Reino Mais Brilhante:** protagonista integrado com seu eu interior e com o mundo a seu redor.

Em seu conto, Claus Bugmann traz para as páginas um protagonista que teme deixar seu lado mais "animalesco" vir à tona, querendo se esconder. Mas quando descobre ter um irmão, da família secreta de seu pai, recebe sua chance de brilhar, e o resultado da parceria deles deixa a cidade mais brilhante.

SOBRE CLAUS BUGMANN

Claudiney Machado Bugmann de Sousa Aires, ou Claus, nasceu no interior do Piauí, em 1986, e mudou-se ainda bebê para Campinas, onde reside desde então. Cursou o ensino médio na escola Vitor Meirelles, onde passou a se aventurar pelas estradas da escrita. Um leitor sempre ávido, que começou a escrever as próprias histórias. Cursou Publicidade e Propaganda e participou, na época da faculdade, de alguns concursos culturais, onde também iniciou a escrita de seu primeiro livro, posteriormente engavetado.

Em 2020, após anos de começos e recomeços, finalizou *A Guardiã do Livro das Sombras*, seu primeiro livro, como desafio de um concurso literário. Não obtendo sucesso, passou a enviar o original para editoras, pleiteando pela publicação, que foi aceita pela editora Flyve em 2022. Dois anos depois, foi autor de dois contos e organizador do livro *Departamento Nacional de Ocorrências Sobrenaturais*.

MARCÉLIO QUEIXO DURO

POR CLAUS BUGMANN

Marcélio observava o calendário de papel pendurado na parede da cozinha de sua avó. Distraído enquanto terminava o singelo lanche da tarde, desfrutando de um café torrado pela própria e de um generoso pedaço de queijo com doce de leite, mal percebia o intenso trânsito de seus tios que passavam ali toda sexta-feira.

— Hoje é lua cheia — disse um deles, assustando o garoto. — Vou tomar esse café correndo e ir pra casa, não vou me arriscar.

Apolônio puxou uma cadeira e se sentou em frente ao rapaz, cortou também um pedaço do queijo para si e insistiu no gracejo:

— Bom, o único que poderia ser lobisomem era o Bituca, o sétimo filho da mãe, e, a não ser que ele tivesse um barbeiro muito bom, nunca vi crescer muito pelo nele.

Bituca, ou Agenor, era pai de Marcélio, caixeiro viajante que rodava todo o estado de Minas Gerais vendendo todo tipo de quinquilharia. Falecera anos atrás, acidentando-se em uma sinuosa estrada das intermináveis cidades que pipocavam na tortuosa geografia mineira.

— Não acredita nessas coisas não — continuou o tio, levantando-se e bagunçando o cabelo do rapaz. — Aproveita a sexta-feira que tem um samba bom na praça, eu sei que você gosta.

Marcélio, como todos seus cinco irmãos, fazia seus gracejos nas artes da música. Fruto da insistência e dos instrumentos sobressalentes das viagens que o pai sempre lhes presenteava. O garoto foi o único que se dedicou com afinco e se destacava nos instrumentos de percussão.

Havia sido convidado — ou nas palavras dos colegas "convocado" — para tocar na praça. Havia a promessa de convidados especiais e uma festa extremamente divertida. De qualquer forma, ele declinara. Levava a sério o fator de que seria lua cheia.

A noite chegou antes do esperado por Marcélio. As chuvas em Joanópolis eram comuns naquela época do ano, e essa alaranjava o céu. Apesar das pesadas nuvens que escondiam as silhuetas montanhosas do entorno da cidade, a garoa caia fina, quase imperceptível.

As palavras do tio ressoavam na cabeça de Marcélio. A lua havia se escondido e as nuvens não faziam qualquer menção de se moverem dali. Restava saber se o samba ocorreria mesmo com o aguaçal.

Uma mensagem em seu celular o impulsionou ao veredito. Decidiu pagar para ver. Pegou seu rebolo, pendurou nas costas e partiu de bicicleta pelas escuras ruas no entorno da casa da avó.

Depois de cerca de 40 minutos, alcançou a praça. Não para sua surpresa, mas para sua alegria, a garoa não espantou os locais da festa. As barracas iluminadas com extensões precárias colocavam a vida de todos em risco, mas ninguém parecia se importar. Era o ápice da diversão naquele fim de semana, e todos queriam aproveitar ao máximo.

Antes mesmo de terminar de trancar sua bicicleta em um poste, avistou Marcos, sorridente, com duas cervejas nas mãos. De longe, os dentes meticulosamente brancos contrastavam com a pele negra, que emanava um brilho adicionado pela garoa que gotejava em seu rosto. O rapaz cantarolou:

— "O tocador quer beber… — Estendendo a mão para o colega, ofereceu uma cerveja.

— Porra, Marcos, quero mesmo. Essa história de vir de última hora só me restou a bicicleta, e tem subida pra caramba por aqui.

— Bebe, mas bebe com vontade, Marcélio, porque hoje a noite promete ser no mínimo épica!

— Do que você está falando? — perguntou ele, desconfiado.

— Sabe quem vai cantar conosco hoje?

— Quem? — perguntou, com ainda mais suspeição.

— O Bituquinha.

— E quem é Bituquinha?

— Cara, vai se foder. O Agnaldo não conseguiu vir e mandou esse cara aqui. E ainda bem que você veio, porque quem ia fazer o tantã era o Bi Canhoto — disse Marcos, puxando o colega em direção ao coreto da praça central.

Bi Canhoto era chamado assim, pois diziam que ele possuía duas mãos esquerdas e se perdia nas contagens de tempo nos instrumentos musicais.

— Quem mais vai atacar? — perguntou Marcélio, entre um cumprimento e outro.

— Eu, você, o Bituquinha, o Rodolfo e o Dodô — respondeu Marcos, contando nos dedos. — Somos o Lobisamba — continuou ele, com os braços abertos em euforia.

O garoto riu com a mão na testa em um misto de desaprovação, descrédito e vergonha. Ele se imaginava em um futuro fantasioso em turnês pelo país com o grupo Lobisamba. O riso foi interrompido por um pequeno sopro, que arrepiou sua pele úmida pela garoa. Não pelo frio, mas pelo medo. Olhou para o céu e conferiu as nuvens ainda estáticas.

Marcélio caminhava na companhia do falante Marcos, cumprimentando as pessoas que pareciam exalar ansiedade pelo grupo que se apresentaria. Quase toda cidade se aglomerava e se espalhava pelos quiosques de bebidas, comidas e souvenirs. As pessoas bem vestidas demonstravam o caráter especial que eles proporcionariam.

Avistaram dois dos conhecidos músicos com mais uma pessoa, possivelmente o tal Bituquinha, parados próximos ao coreto. Aguardando o momento de se apresentarem., aceleraram o passo em suas direções.

Trocaram cumprimentos rápidos e o rapaz desconhecido segurou firme a mão de Marcélio, olhando diretamente em seus olhos.

— Acho que estaremos juntos hoje, podemos conversar? — perguntou ele, sem hesitar.

As feições do rapaz eram comuns, o queixo protuberante, os olhos castanhos e a farta cabeleira de ondas largas refletiam as características de seu falecido pai. Estas também lhe foram concedidas por herança.

— Claro, claro — respondeu Marcélio, balançando a cabeça, escapando da surpresa que o rosto familiar lhe causara.

Bituquinha puxou o rapaz pelo ombro alguns passos para o lado, e o restante da banda partiu para buscar mais cerveja.

— Cara, é o seguinte — o vocalista decidiu ser direto —, nós somos irmãos.

Marcélio, sem reação, apenas piscava e coçava o queixo.

— Nosso pai era caixeiro e eu sei que isso não é novidade para você, mas ele tinha duas famílias — prosseguiu o rapaz. — Duas grandes famílias. A minha é de Ouro Preto. Quantos anos você tem?

— Eu? Vinte e dois, por quê? — A avalanche de informação transformou Marcélio em um respondedor automático.

— E quantos irmãos você tem? Sem nos contar.

— Nos contar? Tem mais?

— Somos em nove, eu e mais oito irmãs. — Bituquinha abaixava o tom da voz enquanto falava, tentando não assustar ainda mais o irmão.

— Nós somos eu e mais cinco irmãos, mas por que você… o que você quer?

— Cara, é o seguinte: eu tenho 20 anos e te garanto que hoje a festa vai ser incrível. Logo vão nos chamar pra subir no palco, se concentra e depois conversamos mais.

Segundos depois, no palco, foi anunciada a atração principal: Lobisamba.

Marcélio subiu no coreto, ainda atônito, lutando para se concentrar na apresentação.

O show se desenrolava sem muitos percalços. Os populares se divertiam e aplaudiam efusivamente cada música. O grupo montado às pressas parecia se conhecer há muitos anos.

Marcélio, completamente vidrado, não se percebia tocar, apenas acompanhava os pedidos dos companheiros e batia em seu instrumento. Observava seu mais novo irmão cantar, muito afinado. Questionava-se se o pai também insistiu para que fosse músico.

O baque da notícia gradativamente transformou o êxtase em euforia, estava perdido, fora de si, apenas flutuando entre a música e a descoberta. Observava Bituquinha se divertindo. Ele nascera para os palcos. O vento forte balançava a cabeleira cheia do irmão, e a água batendo em seu rosto lhe trazia uma aura de artista.

O silêncio do palco, o vento, a chuva. Marcélio escutava seu coração no ritmo de seu rebolo tantã. Um olhar para o alto o fez perceber as nuvens pouco a pouco se afastando. Não

chovia mais. O vento apenas sacodia a água presa nas folhas das árvores. O céu iria se abrir sobre a praça. Ele precisava fugir.

Bituquinha, altivo no palco, fazia a apresentação da banda para a população, enquanto seu irmão tentava escapar furtivamente:

— E no tantã, meu querido irmão, Marcélio Queixo Duro! — proferiu Bituquinha. — Inclusive, separei essa especialmente pra ele: "*samba, a gente não perde o prazer de cantar…"*

Marcélio, parado e assustado, olhou para o irmão.

— Pra onde você está indo? — perguntou Bituquinha, interrompendo a música. — A festa nem começou ainda, senta lá. — Deu uma piscadela. — Vou começar de novo: *"samba, a gente não perde o prazer de cantar...".*

Marcélio sentou-se em sua banqueta e retornou aos toques, olhando fixamente para o irmão, tentando entender o que ele havia prometido com aquela piscada.

No céu, as nuvens já dispersas expunham quase metade da lua cheia. O garoto suava frio e tocava sem tirar os olhos do irmão. A multidão se divertia e brilhava como uma estrela, levando todos a uma imensa alegria.

A última nuvem se foi e iluminou todos na praça, a luz forte no céu irradiava sua magia diretamente em Bituquinha, que se encaminhava para o refrão, olhando diretamente para a lua.

"Este samba é pra você que vive a falar, a criticar, querendo esnobar, querendo acabar com nossa cultura popular."

Marcélio arregalou os olhos ao ver seu recém-conhecido irmão ganhar formas gigantescas. As roupas largas se rasgaram e a figura animalesca em cima do palco segurou o microfone com suas garras enormes, silenciando a praça. O lobisomem, arfando, observou todos que, estupefatos, ficaram sem reação.

O animal olhou para o irmão, escondido no coreto, protegido da luz do luar. Marcélio segurou seu instrumento tão paralisado quanto qualquer pessoa. A fera levava o microfone à boca e, com uma voz grave, disse:

— Eu sou o oitavo filho, único homem de oito mulheres. Aquele, escondido da lua cheia, é meu irmão, Marcélio. Sétimo filho homem de um sétimo filho homem. Nós somos o Lobisamba, e vamos continuar a música, vem pra cá.

Bituquinha retomou vagarosamente a música, enquanto Marcélio caminhou em sua direção, deixando a lua também iluminá-lo.

"Samba, a gente não perde o prazer de cantar e fazem de tudo pra silenciar a batucada dos nossos tantãns."

Marcélio, ao lado do irmão, com o tantã pendurado na bandoleira, batucou seu solo alucinadamente, com uma alegria que jamais sentiu. E ali, durante o samba, transformou-se em um lobisomem, uma enorme fera sambista.

O público vibrou, também alucinado. Joanópolis finalmente tinha não um, mas dois lobisomens.

JORNADA DO HERÓI

Uma das mais conhecidas estruturas narrativas, a jornada do herói é amplamente utilizada para contar histórias de aventura e fantasia. Porém, ocasionalmente, também vemos narrativas do dia a dia que se utilizam dela.

O primeiro ato, desta jornada, é iniciado com o protagonista vivendo em seu mundo comum até que ele recebe um chamado para a aventura. Contudo, o herói tem medo de abandonar o que conhece e recusa o chamado em um primeiro momento.

Nesta parte da história, o protagonista conhece um mentor, que é um personagem mais sábio — por vezes também mais velho — que possui um conhecimento a ser passado para o herói conseguir enfrentar os obstáculos que virão.

Então, acontece a travessia do primeiro limiar, que é a cena em que o protagonista é lançado para a aventura, ele aceita o chamado — sendo ou por sua própria opção ou obrigado. A partir deste ponto, não há mais volta para o mundo comum.

Com isso, entramos no segundo ato. Nele teremos cenas que vão revelar quem são os aliados e os inimigos de nosso herói, ao mesmo tempo que ele enfrenta testes, que representam o grande problema que ele terá que combater no final da narrativa. Estas cenas são essenciais para preparar o protagonista para a sua grande luta.

Ainda no segundo ato, o personagem passa pelo passo denominado “aproximação da caverna profunda”, em que ele precisa treinar e se preparar, aumentando suas habilidades. A seguir, acontece a provação, o momento em que o protagonista coloca em jogo tudo que

aprendeu até aqui, mas acaba perdendo algo significativo — a provação é sua capacidade de continuar mesmo quando a pior coisa que acha que poderia acontecer, realmente acontece.

No entanto, tudo isso não é em vão, pois antes de começar o terceiro ato, o protagonista recebe uma recompensa (que pode ser um objeto que o ajudará na batalha que o aguarda, uma habilidade adquirida, um aliado conquistado, etc.).

Por fim chegamos ao terceiro e último ato, nele acontece o confronto final, que, superado, permite que o personagem siga o caminho de volta. Porém, ele não chega a sua (nova) casa sem antes passar por uma ressurreição (às vezes literal, às vezes metafórica). E quando retorna, traz consigo um elixir — algo que pode trazer uma melhora para o mundo.

No conto de Emil Sou_Tos, a Jornada do Herói é utilizada para intensificar a metáfora central, em que um homem do mercado financeiro deixa seu mundo comum e adentra o salão de uma cobertura, onde um jogo de sedução se desenrola, brincando com a narrativa clássica.

SOBRE EMIL SOU_toS

Autista artistA, Emil Sou_toS é mineiro de berço, formação e "sutaqui", Brasiliense residente e vivente, engenheiro burocrata nas horas pagas, escritor independente nas horas vagas – que deveriam ser gastas com suas paixões em quadrinhos, filmes, games, livros, viagens, séries e animes. Dois Estranhos é sua estreia independente como escritor de romance, conto, poesia, roteiro de filme e quadrinhos... Isso mesmo, tudo no mesmo livro. Literalmente um surto literário que o inspirou a procurar um diagnóstico como neuroatípico (Autismo), e talvez tenha rendido um livro legal (aí depende da sua avaliação como leitor).

Lobo de Wall Street

por Emil Sou_toS

Na selva de concreto, onde os arranha-céus tocam o firmamento e a riqueza se amontoa em cifras inalcançáveis, um homem observa do alto da cobertura. Ele não pertence à elite que governa esse império de vidro, aço e ouro, mas também não é submisso a ela, pelo contrário. Ele caminha entre sombras e refletores, entre a luxúria e a inveja, estudando todos aqueles sorrisos cheios de dentes falsos que se gabam de suas fortunas e roubos.

Ele está com fome, não dos canapês requintados harmonizados com os champanhes mais caros da Europa. Tem fome de justiça, enquanto o mundo é uma travessa lisa polida na iniquidade. Por isso seu estômago nunca se enche como a conta bancária desses bilionários que transformam a cada segundo o suor dos outros em juros e ouros.

Poderia passar despercebido no meio de tanta beleza construída nos consultórios e cirurgias, mas o faminto se destaca. Ele é um homem forte, com uma presença imponente que faz o mais alto ego inflado por ações desmoronar numa grande depressão. Seus olhos brilham com uma intensidade sobrenatural, encantam refletindo seu espírito feroz, inspira naqueles que o vê um desejo carnal nunca provado por essas bocas que já abocanharam de tudo.

Ele caminha pelo salão, no alto da cobertura mais alta de Manhattan, o faminto devorado pelos olhos caminha, até que o mais ávido se aproxima. O anfitrião, um bilionário cujo nome ecoa nas bolsas de valores e nos corredores do poder.

— Você é diferente — sussurra ele. — Um jovem yuppie da BlackRock vindo me paparicar? — Passa a mão por seu braço musculoso. — Algum presente infiltrado por aqueles investidores de Singapura? — Desce por sua cintura. — Um segurança de um dos *sheiks* de Dubai? — Infiltra-se na calça do convidado misterioso que, faminto, segura firme a mão do anfitrião e diz: — Sou um caçador que te procura.

O desejo sobe na mente e membros do anfitrião, sentindo o aperto do convidado. Esse toque firme e determinado, porém, não é apenas um gesto de atração; é uma promessa de algo mais profundo e sombrio. O anfitrião sorri enquanto segura o braço que o aperta.

— Todos me procuram. — Aperta mais firme. — Todos me caçam. — Solta os braços. — Mas no fim quem domina sou eu. — Olha nos seus olhos.

O faminto hesita, ele sabe que essa é a única verdade do capitalismo, só vence quem tem capital para continuar vencendo, e ele, sem nada, só sente fome.

E a fome ecoa por sua mente, vozes sussurram dos becos escuros, dos guetos escondidos atrás dos arranha-céus, dos cortiços entupidos pela pobreza, das favelas muradas a tiros dos poderosos, dos papelões que acolhem corpos abandonados pelo mundo.

Ele navegou por todos os mares, percorreu todas as eras, conheceu todos os povos, tentou com sua força sobre-humana combater todo crime e injustiça nas ruas e becos, mas sua fome nunca era preenchida. Levou séculos para perceber que a fonte não estava no chão da plebe, mas no alto dos castelos dos nobres.

O caçador veste sua pele de cordeiro sorrindo.

— Aposto toda sua fortuna que na cama esse Lobo de Wall Street se transforma num suculento cordeiro.

O anfitrião sorri, pega o braço do convidado e o conduz pelo salão de olhos famintos, carregando seu novo troféu. Percorre toda a festa até o parapeito da cobertura, exibindo o Central Park enquadrado por ruas e prédios.

O bilionário estende os braços para a vista da cidade.

— Posso comprar qualquer terreno ou pessoa nesta cidade. — Ele se volta para o convidado e soca seu peito. — Nesta e em qualquer cidade. — Segura firme o colarinho dele. — Posso ser o que eu quiser. — Aproxima seus lábios suspirando dentro do convidado. — Quando eu quiser.

As palavras se enroscam em um beijo, enquanto o anfitrião agarra o pescoço da sua presa. Ele puxa o convidado para mais perto, seus corpos agora ardendo colados. O anfitrião para, segura o rosto do convidado e, sem desviar o olhar, ataca novamente em beijos. Sua língua o enlaça, carregado de uma tensão que promete muito mais do que simples desejo. É uma reivindicação, uma marca de posse que deixa claro quem está no controle neste momento.

O caçador, surpreendido, afoga-se na sua fantasia de cordeiro. Ele envolve o anfitrião com os braços, e aperta com uma força dominante. Seus lábios, antes submissos, agora exigem e comandam cada movimento. A tensão entre eles se eleva, transformando os beijos em um jogo de poder, onde o anfitrião, outrora inabalável, rende-se às vontades e ao domínio do convidado. Cada beijo se torna uma batalha silenciosa, uma troca de pulsões, onde o desejo e a força se entrelaçam.

O anfitrião poderia comer o convidado ali, no parapeito da cobertura, para todos os seus convidados e toda Manhattan assistir, mas ele não queria, este momento é somente para ele. O anfitrião o conduz pela mão até seu apartamento no andar de baixo, um espaço luxuoso que exala opulência em cada detalhe.

Ao entrar, o convidado é envolvido por uma atmosfera de riqueza e poder. O apartamento é amplo, com janelas do chão ao teto que oferecem uma vista panorâmica da cidade. As paredes são decoradas com obras de arte contemporâneas, cada peça cuidadosamente selecionada para refletir o gosto sofisticado do anfitrião. O chão é

revestido de mármore italiano, que brilha sob a luz suave dos lustres de cristal pendurados no teto alto.

O anfitrião conduz o convidado através do apartamento, passando por uma biblioteca repleta de livros raros e uma sala de cinema privada, até chegarem ao quarto principal. A cama domina o espaço, não maior do que o desejo que exala da pele de ambos.

Em um, o desejo por prazer.

No outro, o desejo por justiça.

Finalmente os dois corpos se enfrentam. Não como homens, mas como forças opostas do mundo: o lucro e a fome. O anfitrião, dono de tudo, despe-se lentamente, entregando-se ao mistério que trouxe para sua cova de prazer. O convidado, faminto, observa cada gesto como um predador paciente.

Os toques começam como uma negociação silenciosa — um beijo pela dívida externa, um arrepio pelo suor operário, um gemido pelas mães que choram os filhos mortos nas favelas. O anfitrião quer domar a fera que o excita, mas não sabe que já foi enredado.

Seus corpos se entrelaçam, selvagens, elétricos, como duas engrenagens que não se encaixam, mas insistem em girar. A cama range como um confessionário em chamas. Entre beijos, mordidas e gemidos, o anfitrião se vê dominado. E, pela primeira vez em sua vida, é ele quem obedece, e o convidado o começa a comer ferozmente.

O clímax não é orgasmo — é metamorfose.

O corpo do convidado começa a se contorcer. O suor vira vapor. Os olhos se inflam, como faróis no nevoeiro. Ossos estalam, músculos crescem, pelos rompem a pele. Um uivo seco rasga o ar abafado. O homem rasga sua pele e se transforma na fome.

O anfitrião, ainda deitado, estremece. Seus olhos, antes arrogantes, agora imploram por misericórdia, que não virá. Sua boca ensaia um grito, mas a fome salta e crava os dentes, dilacerando.

Não por fome de carne, e sim por justiça.

Cada rasgo na pele é o pagamento de cada juros injustos.

Cada osso partido, a cobrança por séculos de exploração.

Cada gole de sangue, um grito dos pobres esquecidos.

Quando o corpo finalmente desaparece em dor, o quarto está tingido de vermelho.

A fome volta a ser homem. Seus olhos ainda ardem, mas seu corpo se recompõe, com suas roupas rasgadas. Ele caminha até o *closet*, veste o terno de um bilhão de dólares, sob medida da sua vingança, manchado de redenção.

Abre a porta, sai do quarto. O elevador dourado o leva até o térreo, em silêncio absoluto. Lá fora, Nova York pulsa em sons e luzes, como se nada tivesse acontecido.

Ele caminha pelas calçadas frias. Deixa para trás os arranha-céus lotado de magnatas. De volta para os becos que o abriga, onde a fome o acompanha para a noite sair.

Ele caminha entre os invisíveis como ele. Aqueles que carregam sacolas, que dormem em caixas, que servem bandejas e lavam os pecados dos outros.

A fome que consumia seu estômago cessa..., mas ele sabe que por pouco tempo.

Pois o mundo só gira pelas engrenagens da desigualdade.

E sua fome só vai passar depois de devorar cada filho da puta de Wall Street.

PARADIGMA DOS TRÊS ATOS

O paradigma dos três atos é a estrutura narrativa clássica mais conhecida — e também mais utilizada. Ele divide a história em, basicamente, início, meio e fim. Mas em cada um dos atos há pontos que precisam ocorrer.

Ato I: é preciso introduzir a história, respondendo três questões básicas: quem é o protagonista? Onde a história se passa? Quando a história se passa?

A seguir, deve-se ter uma dica sobre o tema da história, isto é, sobre o que a narrativa se trata. Então, seguimos para o incidente incitante — a cena em que o protagonista é jogado de vez para dentro da história. Sem o incidente incitante, a história não aconteceria.

Depois disso, o protagonista pode (ou não) ficar em dúvida se embarca na aventura até o momento do primeiro ponto de virada. Com essa cena, não há mais como voltar atrás e entramos no segundo ato.

Ato II: é onde acontece a maior parte da história. Ao longo de suas cenas, a tensão vai aumentando, bem como os problemas. Durante o segundo ato vemos, em muitos casos, as pinças 1 e 2.

As pinças são momentos chave em que a atenção do leitor é chamada de volta para a história. Nelas, o que o protagonista tem a perder ou tem a ganhar, caso não conquiste seu objetivo, aumenta.

Entre as pinças, temos o ponto do meio, que é, literalmente, o meio da história. É nesse momento que vemos grande parte dos *plot twists*. Este ponto também é chamado de uma falsa vitória ou falsa derrota, pois aqui o protagonista pode achar que já ganhou ou que tudo está perdido.

Finalizando este ato, temos o segundo ponto de virada, onde o personagem é lançado para o confronto final e em que, muitas vezes, acontece a pior coisa que poderia acontecer com o protagonista — é o momento de seu teste final antes da última "batalha", que pode ser algo literal ou metafórico.

Ato III: é a menor parte da história. Começa no clímax, é a hora de maior tensão, é o protagonista em seu confronto final. Em seguida, temos a diminuição da adrenalina, culminando no desfecho em que o protagonista conquistou (ou não) seu objetivo.

No conto de Lucas de Lucca, os três atos são usados para contar a história misteriosa de um homem que vê seu mundo todo mudar quando um ritual não dá certo e ele é acusado do sumiço de seu melhor amigo.

SOBRE LUCAS DE LUCCA

Lucas de Lucca já publicou entre romances, contos e não ficções mais de 18 obras, somando mais de 10 mil cópias distribuídas no Brasil. Foi jornalista entre 2013 e 2016. Como escritor, conquistou três edições do FMC de Bento Gonçalves e uma edição do FACRS e realizou mais de 100 palestras e *workshops* em eventos e escolas.

No mercado editorial, de Lucca figura como um dos nomes mais relevantes entre editoras de médio porte, sendo CEO e Publisher da Editora FLYVE, onde é responsável por mais de 600 títulos publicados e dezenas de milhares de exemplares vendidos por ano. É gestor de uma equipe de mais de uma dúzia de colaboradores fixos e dezenas de freelancers autônomos, que juntos fazem a FLYVE crescer 300% ao ano desde 2018.

O SÉTIMO FILHO DE SETE FILHAS

POR LUCAS DE LUCCA

O sétimo filho de sete filhas, um ramo de louro e duas cebolas, e um giz para desenhar o círculo. Fiquei no meio dele e o matei. Caiu entre as duas cebolas e em cima do ramo de louro.

Não me senti diferente do jeito que esperava.

De manhã, acordei antes da hora, com a campainha. Era a PM, e não pareceram ligar muito pra mim. Me perguntaram se vi uma pessoa ontem.

— Não, senhor — foi o que eu disse, e eles partiram.

Lembrei da Gabi. A culpa era mais dela do que minha. Uma pena que não houve resultado. Eu continuava do mesmo jeito que ela não quis.

Recebi algumas mensagens sobre o sumiço de uma pessoa próxima. Eu me preocuparia se o ritual funcionasse. Poderia ser usado como prova. Por sorte, as pessoas foram parando de falar, até que minha campainha tocou antes do despertador.

— Não, senhor. — Dessa vez perguntaram se eu lembrava de ter saído com ele da loja. Disseram que algumas pessoas viram, mas não mencionaram câmeras.

Ainda bem que não deu certo. Mas, talvez, dando certo, eles não me reconheceriam. Pensando bem, poderia ter ajudado. Meu maxilar seria diferente e meu corpo não traria lembrança do de agora. Notei que eles demoraram mais do que o habitual para ir embora.

Gabi não estava errada, ninguém é obrigado a gostar de alguém. Mas por que ficou me enrolando todo aquele tempo? Era bem óbvio que eu queria mais do que amizade. Ela sabia, só escolheu como as coisas aconteceram. E agora um amigo desapareceu e meu ritual não funcionou.

Não andava com sorte.

— Não, senhor — respondi, após o PM ler meus direitos.

Acontece que no carro tinha uma meia do meu amigo desaparecido. Uma coincidência que logo seria esclarecida, mas até que isso acontecesse eu ficaria preso. O Brasil é muito injusto.

A cela, no entanto, era um alívio. Não aguentava mais as pessoas me perguntando sobre meu amigo. Ali ninguém me perguntava sobre meu amigo, e sim o que fiz com ele. Não entendi o que eles queriam dizer, mas era bom variar a pergunta.

— Não, senhor. — Meu advogado garantiu que só isso já me tiraria de lá.

Ele errou, e já se passaram seis meses. Estava acostumado com erros de advogados. Alguns levam quatro meses para abrir uma ação e, quando enfim abrem, descubro que já fui processado pelo réu. Outros, sempre que enviava uma mensagem, respondiam que iam mesmo falar comigo sobre o caso, mas que a justiça do estado estava muito lenta.

Meus amigos sempre perguntavam por que eu não trocava de advogado, mas não era esse o problema. O processo já estava com o advogado, tirar dele talvez me gerasse um processo. Agora eu estava em busca de novos advogados. Era só enviarem a proposta por e-mail para processar o governo por me prenderem sem que eu tenha feito nada.

Inclusive a prova disso era que a Gabi não tinha o menor interesse em mim, inclusive na amizade. Eu diria que fiz exatamente o contrário do que deveria, baseado no resultado.

— Não, senhor. — Meu advogado, aquele dos quatro meses de atraso, mostrou um vídeo onde eu matava meu amigo sobre um ramo de louro, entre duas cebolas e dentro de um círculo.

Impressionante o que a Inteligência Artificial é capaz de fazer.

Um dia, eventualmente, olhei no espelho e tudo estava diferente.

Eu era um lobisomem.

Fui tirado da cadeia comum. Existia um departamento no Brasil que lidava com ocorrências sobrenaturais.

Tive que aprender o que era ser um lobisomem no Brasil. Inclusive com colegas de classe.

Eram eles: Flávio, Márcio e Bruno.

Não descobri se existiam mulheres lobisomem. Ninguém perguntou e achei que havia um motivo para não perguntar.

O DNOS (Departamento Nacional de Ocorrências Sobrenaturais) me deixou em uma cidade chamada Aparecida do Oeste, livre. Fiquei diante de uma fábrica de calças jeans. Quando falo calças jeans e fábrica, você imagina o quê?

Era um quadrado de cimento, com uma porta na frente e uma janela de cada lado. Tal qual um desenho infantil. A pintura era bege, ou branca. Tinha no máximo 2,5 metros de altura e mulheres costuravam o tecido que vinha pronto lá dentro. Elas recebiam 40 centavos por peça pronta.

Com esse dinheiro, passavam o mês e pagavam o dízimo.

O curioso delas era que nenhuma era o que eu esperava. Não sabia explicar, mas sentia que elas eram como eu. Não lobisomens, mas já que não se assustaram com minha aparência, eu era o seu normal.

E não há como ser normal sem que elas se enxerguem como eu.

POSFÁCIO

POR GIU NASCIMENTO

Por que as estruturas narrativas são tão similares?

Se chegou até aqui e ficou com essa dúvida, calma que eu te explico. Acontece que todas as estruturas narrativas clássicas são derivadas do modelo criado por Aristóteles ao analisar as tragédias gregas em seu livro "A Poética".

Independentemente do resultado, cada uma das estruturas que apresentamos aqui são ferramentas para ajudar o escritor a desenvolver sua história. Ressalta-se que seus passos não são estritamente fixos e podem ser mudados de acordo com a necessidade da narrativa — em *Star Wars*, por exemplo, temos uma jornada do herói em que Luke conhece o mentor antes de recusar o chamado (afinal, é o próprio Obi Wan, o mentor, quem chama o jovem para a aventura).

Em suma, utilizem as estruturas como um modo de auxiliar na construção de histórias. Sabe aquele momento em que estamos planejando e parece que a narrativa está faltando alguma coisa? Ou ainda quando nem conseguimos preparar a escaleta, pois nossas ideias estão um grande embaralhado na mente? São nessas horas que pode ser útil sentar e ver qual estrutura melhor se encaixa para aquela história. Assim, essas ferramentas não são para limitar o escritor, e sim para ajudá-lo a melhor desenvolver suas narrativas.

Espero que este material o ajude em suas futuras jornadas pela escrita — e que tenha se divertido com os contos.